

Porque é que o Livro bíblico de Job permanece um paradigma para ‘os crentes’ de todos os tempos?

No nosso imaginário, a simples menção a Job ou ao Livro de Job evoca de imediato a figura daquele que soube permanecer «paciente» (não indiferente) perante um conjunto de adversidades terrivelmente, dolorosas para a ‘mente’ e para ‘carne’ de um simples ser humano. E, na verdade, é esta a imagem que predomina na linguagem popular ou científica de muitos... É esse o Job que conhecemos melhor. Trata-se de uma imagem real e incontornável, que abre a excelente narrativa do livro. Tudo começa, de facto assim: com a reacção «paciente» de um simples ser humano que é submetido a uma série de provas, em consequência de uma disputa celeste entre Deus e Satã (um dos anjos celestes), absolutamente centrada na questão decisiva da gratuidade da Fé e da relação do ser humano com Deus (Jb 1-2).

Nós podemos afirmar que esta «paciência» não é apatia ou indiferença, mas autêntico compromisso, entre outros motivos, porque o livro não termina aqui. O autor não se demora em surpreender-nos, (Jb 3) com o «grito» veemente de angústia e de dor que atravessa este mesmo Job paciente, não um outro: *Por fim, Job abriu a boca e amaldiçoou o dia do seu nascimento.*² *Tomou a palavra e disse: «Desapareça o dia em que nasci e a noite em que foi dito: ‘Foi concebido um varão!’»* (Jb 3,1-3). O Job «paciente», que se limitara a umas escassas afirmações de Fé e de absoluta confiança em Deus, é também um ser humano que derrama diante dos seus amigos e de todos nós a sua amarga aflição.

O autor bíblico mostra conhecer profundamente, por um lado, a capacidade intrínseca a todo o ser humano para a absoluta fidelidade a Deus (repare-se que linguisticamente o texto bíblico nunca fala de paciência, mas de permanecer virado para Deus), mas também a normal reacção perante a dor, a procura e a solidão imensa que esta absoluta fidelidade por vezes exige. A simples imagem de amaldiçoar o dia do nascimento é suficientemente vigorosa (Jb 3). O desconhecimento da prova da absoluta de gratuidade a que Job está a ser submetido, fá-lo desejar a supressão do dia do seu nascimento, a não existência. Por outras palavras, provoca nele um sofrimento, de tal modo aterrador nas suas implicações, que o leva a ameaçar até mesmo a ordem que Deus estabeleceu na criação: *Converta-se esse dia em trevas! Deus, lá do alto, não se preocupe com ele nem a luz o venha iluminar. Apoderem-se dele as trevas e a escuridão. Que as nuvens o envolvam e os eclipses o apavorem!...* (Jb 3,4-5).

Curiosamente, é no contexto deste doloroso lamento pessoal que o autor coloca, na boca de Job, a questão do sofrimento do ser humano em geral: *Por que razão foi dada luz ao infeliz, e vida àqueles para quem só há amargura? Esses esperam a morte que não vem e a procuram mais do que um tesouro, esses saltariam de júbilo e se alegrariam por chegar ao sepulcro. Porque vive um homem cujo caminho foi barrado e a quem Deus cerca por todos os lados?*(Jb 3,20-21.23). A questão do sofrimento não é uma situação particular, mas uma contingência comum a todo o ser humano. A pertinência desta sequência «o meu sofrimento» «o sofrimento de todos» é certamente significativa e reveladora de uma reflexão que terá de aprender a contingência de uma a procura de sentido com momentos muito diversos.

Curiosamente, o autor bíblico não nos oferece muitos detalhes sobre qual era o sofrimento que atingia Job. Refere alguns acontecimentos dolorosos que marcaram a sua vida (Jb 1-2; 7,5 perda dos bens e dos filhos), permitindo-nos entrever que não são os acontecimentos em si a causa mais profunda da angústia de Job. Esta causa parece ser mais extrema que a perda mais querida ou que a dor mais forte. Alguns atrevem-se a afirmar que não é o sofrimento em si mesmo que fere Job, mas aquilo que esse sofrimento implica... a falta de sentido que ele implica. Job tinha construído a sua vida numa fé implícita de que o universo era regido por uma ordem interna coerente. Uma ordem e um sentido que todo o ser humano, num mundo hebraico, conhecia e sob a qual organizava toda a sua vida. Uma ordem onde era normal esperar algo de bom na vida, principalmente quando se era bom. E Job era um homem bom (Jb 1,1-3). A prova a que a sua existência está submentida mostra-lhe apenas o lado de um sofrimento imerecido é inexplicável. Por isso, Job pergunta-se e perturba-se, parecendo mergulhar numa espécie de desespero, onde aparentemente toda a vida humana parece reduzir-se a uma questão de «boa» ou má «sorte».

Job parece mesmo aproximar-se do abismo que é considerar isto como a verdade da existência humana. Será preciso ler muito atentamente o decorrer das suas palavras e das palavras que são pronunciadas pelos amigos (Jb 3-31), pelo próprio Deus (Jb 38,1-42,6) e finalmente por um jovem (Jb 32-37) e muitos outros sábios (Jb 28), para entrevermos a direcção que, naquela altura, tomou a resposta à questão da possível absoluta gratuidade da fé e do sofrimento humano. Os amigos não responderam, limitando-se a justificar o agir insondável Deus e culpabilizar Job (Jb 32,1-7). O próprio Deus parece não responder directamente a nenhuma das questões colocadas por Job (Jb 38,1-42,6). E, por breves momentos, o autor parece apenas abrigar a grande questão do sentido e do

sofrimento de Job e, conseqüentemente, de todo o ser humano na aparente insondabilidade do mistério e da alteridade divina (*De facto, eu falei de coisas que não entendia, de maravilhas que superavam o meu saber* Jb 42,3b).

Na verdade, precisamos de demorar-nos algum tempo para nos refazermos do impacto das muitas palavras ditas durante a narrativa e entrevermos finalmente que a resposta se oculta na esperança singular e notável que Job manifesta até ao fim em Deus (*...para Deus correm as lágrimas dos meus olhos*. Jb 16,20; cf. 17,2-3; 19,25-27). Job não entende, mas acredita que em Deus conhece e entende. Job não sabe o sentido, mas acredita até ao fim que Deus conhece este sentido. Profundamente solidário com Job, todo o leitor crente aprende aqui mesmo, que a resposta à questão do sentido da vida, desde o início moldada no barro da alegria e da dor, está dentro de si mesmo e na sua capacidade de não desesperar. Aprende que a grande questão de Job e a de todos nós é a do sentido da nossa vida no seu todo, que em determinadas circunstâncias atinge limites inesperados. É nesta procura de sentido que a absoluta gratuidade da Fé coincide com a absoluta capacidade de esperar e de esperar sempre em Deus.

É, precisamente nesta procura, que o Livro de Job e o próprio Job se tornam um paradigma para os crentes de todos os tempos. Todos temos dificuldade em conviver com ambas as figurações de Job: a que nos aponta os caminhos da «paciência extrema» ou a que nos incita à procura cerrada de sentido para todas as dimensões da nossa existência (o sentido da maior fragilidade ao sentido do mais extraordinário deslumbramento). Também os sábios de Israel experimentaram e conheceram esta dificuldade. Deixando-a bem expressa na dinâmica de uma narrativa que se consuma num corolário de imensas perguntas... onde todos os intervenientes humanos fazem perguntas... sublinhando que o grande desafio que se coloca à vida humana coincide com o do Livro de Job: o desafio do sentido e da procura de Deus que, mesmo percorrendo caminhos tortuosos e insondáveis, tem possibilidade intrínseca de desaguar numa gratuidade e esperança de sentido que só Deus é.

Luísa Maria Almendra